

Brasilidade revolucionária

MARCELO RIDENTI

São Paulo: Editora Unesp, 2010, 188p.

ALEXANDRE DE SÁ AVELAR*

Em tempos de acomodação da crítica ao mundo da competição intelectual ou da atuação artística radical à indústria cultural midiaticizada, *Brasilidade revolucionária*, de Marcelo Ridenti, deve ser saudada como uma importante contribuição ao debate sobre a ideia de revolução brasileira ao longo do século XX. Da vida do libertário Everardo Dias à recepção, entre nós, do livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, passando pelos intelectuais e artistas comunistas da década de 1950 e pela geração dos anos 1960, Ridenti recupera a “aposta nas possibilidades da revolução brasileira, nacional-democrática ou socialista, que permitiria realizar as potencialidades de uma nação” (p.10).

A noção de *brasilidade revolucionária* não é evidente por si mesma. Ela é a construção de uma utopia de transformação social, ainda que alguns artistas e intelectuais imaginassem estar dando voz a uma condição inata de ser brasileiro. Construção que conclamava o povo para a tarefa de emancipação a partir de lutas e de experiências que, em suas origens, geraram “amalgamas e rupturas entre o anarquismo, o positivismo, o tenentismo, o comunismo e outras inspirações políticas e intelectuais” (p.11). Na década de 1950, a brasilidade revolucionária consolidou-se como sentimentos e esperanças compartilhados em torno da inevitabilidade da revolução que viria nos salvar do atraso e da opressão.

* Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

No primeiro capítulo, Ridenti recupera a trajetória do militante libertário Everardo Dias que, nos anos 1920, destacou-se por sua combativa intervenção em diversos círculos, como a Maçonaria, os anarquistas e o recém-fundado PCB. Não há dúvidas de que o interesse pelo passado guarda as marcas das lutas do presente. Entender as organizações dos trabalhadores de outrora era, aos olhos dos que combatiam a ditadura na década de 1970, uma fonte de estímulo para o enfrentamento que se exigia, especialmente após a crise das vanguardas operárias, num processo de revalorização das “bases”. Everardo antecipava, assim, “uma brasilidade que não tardaria a ganhar contornos revolucionários” (p.31).

No segundo capítulo, são discutidas as relações entre intelectuais, artistas e o PCB durante os anos 1950. Ridenti alerta para não tomarmos essas relações como uma “equação simples, como a que supõe que a militância comunista de intelectuais e artistas fazia parte de um desejo de transformar o seu saber em poder” (p.57). Por outro lado, deve-se admitir o erro da tese de manipulação por parte dos dirigentes. Nem uso da arte para fins político-ideológicos, nem cooptação de intelectuais. Uma apreciação mais sofisticada desse intrincado campo de relações deve considerar os ganhos e as perdas dos agentes envolvidos, num momento de redefinição da política do PCB em meio à Guerra Fria.

Para muitos indivíduos ligados à produção artística, a inserção nas fileiras do PCB parecia o caminho natural para uma arte engajada. A adesão conferia prestígio a homens e mulheres que queriam espaço num campo artístico cada vez mais competitivo. As publicações no exterior das obras de Jorge Amado, por exemplo, foram facilitadas pela rede de contatos dos comunistas brasileiros que, ademais, abriram as portas para que o escritor recebesse vários prêmios, como o Prêmio Stálin Internacional da Paz, em 1951.

Nas tensas relações entre intelectuais e artistas com os líderes do PCB, forjava-se um projeto de popularização da arte, que registrava a vida das populações pobres e se aproximava do que se entendia serem seus interesses. Escritores, cineastas, dramaturgos e intelectuais colocavam-se como portadores das lutas e anseios das massas, num ensaio do que viria a ser a arte como expressão de um romantismo revolucionário, na década de 1960, que buscava no mundo rural o potencial transformador da sociedade.

É esse romantismo revolucionário o eixo do terceiro capítulo. Aqui, é introduzida uma noção correlata fundamental: a de *estrutura de sentimento*, tomada de Raymond Williams e que alude, em oposição a conceitos mais formais de “visão de mundo” e de “ideologia”, a “significados e valores como são sentidos e vividos ativamente” (p.86). Nos anos 1960, a estrutura de sentimento dominante se articulava à percepção de que as artes integravam uma revolução em curso. Expressava ainda um romantismo crítico do capitalismo, cuja superação restituiria à humanidade valores como comunidade, solidariedade e encantamento com a vida. Esse romantismo revolucionário fundava-se na idealização do homem do campo, não contaminado pelos vícios urbanos. Algumas de suas manifestações

artísticas foram o Cinema Novo, o teatro de Augusto Boal e do Arena, a canção engajada de Carlos Lyra e Geraldo Vandré, os Centros Populares de Cultura da UNE, entre outras.

A modernização do campo artístico-cultural avançou consideravelmente nos governos militares, com a ampliação institucional para as ideias radicais, que já contavam com um público consumidor de classe média. A consagração midiática do Tropicalismo ou a presença de nomes ligados à esquerda, como Vianinha e Dias Gomes, na Rede Globo, sinalizavam, segundo Ridenti, a crise da estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária.

O capítulo final analisa a conversão dos artistas e intelectuais contestadores dos anos 1960 e 1970 em adeptos da ordem. Às utopias transformadoras da realidade, segue-se a figura do pensador profissional, preocupado com a carreira, prêmios e publicações. O esvaziamento da brasilidade revolucionária também se nota na expansão de um mercado cada vez mais lucrativo envolvendo publicitários, jornalistas e escritores outrora radicais. Essa guinada pode ser traduzida na recepção do livro de Marshall Berman, *Tudo que é sólido desmancha no ar*, na década de 1980, momento de crise das vanguardas da esquerda e de valorização de novos movimentos sociais surgidos no contexto da descompressão política do fim da ditadura.

Para Berman, Marx leu a modernidade a partir da simultaneidade entre o desenvolvimento das forças produtivas e a incessante transformação do “eu”. Os homens deveriam estar conscientes da transitoriedade dos modos de ser, pensar e sentir. A revolução não estaria livre da efemeridade e incertezas da modernidade, não tendo qualquer garantia de que pudesse sobreviver ou promover uma nova ordem. Essas considerações eram bem vistas por aqueles decepcionados com as vanguardas dos anos 1970. Assim, o livro de Berman teria ressonância

ao destacar as ideias de experiência cotidiana, de liberdade individual, [...] de crítica à posição teoricista de certos intelectuais, de revolução como processo permanente e não pontual, entre outros aspectos que estavam sendo postos em pauta por setores intelectualizados da esquerda no período. (p.153)

Entretanto, o destaque de Berman ao indivíduo e ao seu autodesenvolvimento ilimitado abria o flanco para uma visão liberal de sua obra. Legitimava-se o sucesso do intelectual mais preocupado com sua carreira do que com causas coletivas. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, frase com a qual Ridenti finaliza o livro, pode significar tanto um chamado àqueles que, apesar das decepções e derrotas do passado, ainda lutam por uma sociedade menos injusta quanto para os que buscam justificativas para o fim de qualquer engajamento.

Não é sem riscos de natureza teórica e metodológica que Ridenti utiliza a ideia de brasilidade revolucionária para englobar obras artísticas e intelectuais

tão distintas. É ainda questionável a ausência de um capítulo sobre a brasilidade revolucionária nas décadas de 1930 e 1940. Contudo, quando as forças progressistas parecem se adaptar ao pragmatismo mercadológico, retomar os projetos transformadores do passado pode nos oferecer elementos para uma crítica vigorosa do presente. O vivido deixa de ser uma mera reconstrução feita pelo analista contemporâneo para converter-se em motor de esperançosas intervenções, renovando a fé daqueles que ainda creem que outro mundo é possível.

AVELAR, Alexandre de Sá. Resenha de: RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, 188p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.33, 2011, p.153-156.

Palavras-chave: Revolução brasileira; PCB.